

MITOS, SEGREDOS E RITOS NA FAMÍLIA I I :
UMA PERSPECTIVA INTERGERACIONAL *

Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher

Universidade de Brasília

RESUMO — O artigo aborda a relação entre os mitos, os segredos e os ritos na interação de uma família em psicoterapia numa perspectiva intergeracional. São analisadas as noções de dívida, mérito, delegações e missões bem como a relação entre a negação da morte, e o surgimento do mito do herói e a lealdade invisível percebida em três gerações sucessivas.

MYTHS, SECRETS AND RITES IN THE FAMILY II:
AN INTERGENERATIONAL PERSPECTIVE

ABSTRACT - The article discusses the relationships between myths, secrets, and rites in the interaction of a family in psychotherapy from a inter-generation perspective. The notions of debt, merit, delegations, and missions, together with the denial of death, the rise of the myth of the hero, and hidden loyalty as perceived in three successive generations, are also analyzed.

Dando continuidade ao estudo dos mitos, segredos e ritos na família **, abordaremos tais temas observados na interação de uma família em psicoterapia.

Partimos do pressuposto de que a família é uma unidade sistêmica, supra-individual, dotada de uma histórica reelaborada através da memória familiar, organizada via um sistema de regras que se constituem ao longo do seu ciclo de vida.

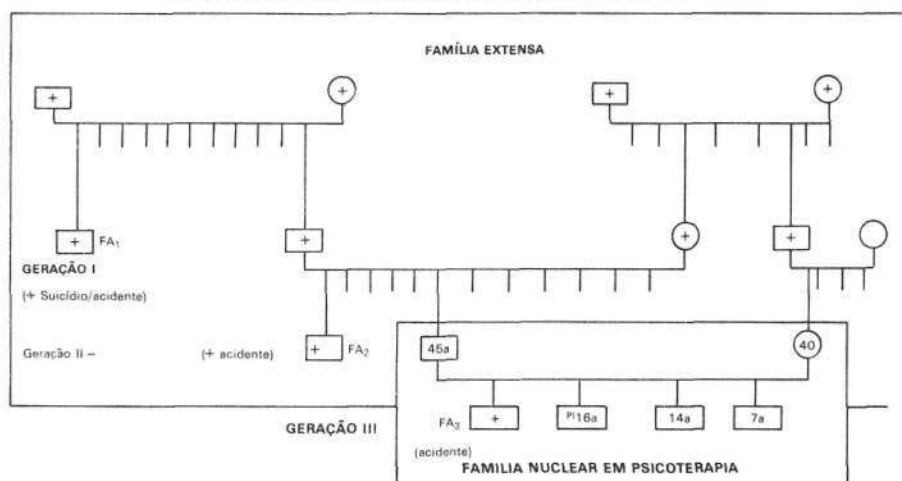
A questão central deste trabalho é de se analisar como os segredos e os mitos agem na dinâmica familiar, no que concerne ao intercâmbio entre os seus membros, numa perspectiva intergeracional.

Apresentaremos a família através da técnica do genograma (veja a Figura 1) e, como referencial teórico, nos deteremos nas abordagens de Bozormenyi-Nagy e Spark (1965), Stierlin (1977) e Bowen (1978), no que diz respeito aos conceitos de lealdade intergeracional, noções de dívida, mérito, prestação de contas, delegação e missões, bem como na abordagem de Ausloos (1980 a e b), no que concerne ao segredo.

* Uma versão deste trabalho foi apresentada por ocasião do II Encontro de Psicoterapia Familiar na Universidade Católica de São Paulo - Julho/1984.

** Uma introdução ao tema encontra-se em Bucher, J. S. N. F. (1985). Mitos, Segredos e Ritos na Família. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1 (2), 110-117.

Figura 1
GENOGRAMA INTERGERACIONAL DA FAMÍLIA




LEGENDA:

 INTEGRANTE MASCULINO NA FAMÍLIA

 INTEGRANTE FEMININO NA FAMÍLIA

 CASAL E FILHOS (UNIDADE FAMILIAR)

 PACIENTE IDENTIFICADO – SENDO AQUELE NO QUAL A FAMÍLIA IDENTIFICA O PROBLEMA, O DOENTE.

  INTEGRANTE FALECIDO

ESTUDO DO CASO

O material clínico que apresentaremos se refere ao conteúdo de sessões terapêuticas realizadas durante um ano com uma família.

No contexto deste trabalho, não examinaremos as técnicas utilizadas, nem os procedimentos, diagnósticos e prognósticos relativos ao caso, embora consideremos relevantes todos esses aspectos.

Enfocaremos o tema dos mitos, segredos e ritos e sua articulação com a psicodinâmica familiar numa perspectiva intergeracional.

A família nos procurou encaminhada pelo terapeuta da mãe. A indicação surgiu tendo em vista que todos os membros do grupo familiar, com exceção do pai, estavam em terapia e o comportamento dos dois primeiros filhos não apresentava

indicadores de "melhora". O filho primogênito abandonou a escola, comportamento que foi seguido pelo filho seguinte. Todos os membros compareceram a todas as sessões realizadas.

Indicamos geração I a dos avós do PI e é nela que identificamos o que nós denominamos ponto nodal da história introjetada na família. Geração II é a dos pais do PI e a Geração III é a do PI e seus irmãos. É esta última que comparece às sessões psicoterapêuticas.

A SAGA FAMILIAR

A família nuclear, constituída do pai, da mãe e três filhos, se apresentou trazendo os dois primeiros filhos como Pacientes Identificados. Ambos abandonaram a escola; primeiro o primogênito (16 anos), em seguida o irmão (Manos). Viviam cada dia mais isolados, sendo que este último filho desenvolveu um acurado interesse por livros antigos. Passava dias percorrendo os antiquários da cidade. Entre as regras familiares, nos chamou a atenção o fato de que o lazer só ocorria se todos estivessem juntos e se limitava, na maior parte do tempo, a passeios domingueiros ao aeroporto da cidade para verem o movimento dos aviões.

Os primeiros anos da organização da vida familiar se caracterizaram por uma necessidade muito grande de limpeza, de purificação, que se manifestou através de hábitos de higiene chegando até à ingestão de laxativos e à prática de lavagens intestinais com o objetivo de "se tornarem limpos" e "purificar o corpo, o organismo contra as toxinas". Tais hábitos de higiene os levaram a fazer um severo regime alimentar natural, com um minucioso ritual no seu preparo. Com o passar dos anos, esses hábitos de higiene foram diminuindo de intensidade e somente o primogênito, que denominaremos de PI passou a se preocupar com a nutrição, fazendo cursos e procurando leituras que o orientasse no preparo de alimentos o mais isento possível de impurezas.

Do ponto de vista social, a família vivia, até então, muito isolada e com bastante dificuldade de contacto com outras pessoas. Suas fronteiras com o mundo exterior eram rígidas e fechadas, as trocas se realizando nos aspectos vitais, essenciais.

Nas primeiras sessões, pudemos constatar, tanto através do teste do Desenho da Família respondido por PI, quanto através do seu discurso, a enorme pressão sentida por ele oriunda do grupo familiar. Algumas vezes, pedia para ser hipnotizado, pois necessitava saber o que havia acontecido com ele desde o início da sua vida. Tal demanda era imediatamente respondida pelo pai com argumentos explicativos, através de um discurso longo, sobre transmigração das almas e espiritismo, silenciando desta forma seu filho. A maneira do pai participar da terapia era, a maior parte do tempo, tentando bloquear todas as sessões através de longos discursos a respeito do que um ou outro membro do grupo falasse. Outras vezes, PI entrava num mundo imaginário bem longe da realidade e falava sobre sua "necessidade de se aprofundar no ocultismo", o que fazia através de inúmeras leituras e práticas que consistiam em meditações e "viagens mentais", como ele se expressava, e que culminou com um surto psicótico. Entre as fantasias que antecederam ao surto, havia constantemente presente a imagem dele sobrevoando Brasília em direção ao infinito, e a frase "Vocês não sabem de nada, mas eu sei". Durante o surto, a frase passou a ser: "Vocês não sabem de nada, mas eu sei e o que faço é para salvar vocês". Estava muito presente na sua fantasia a certeza de que

16 Psicol., Teori., Pesqui., Brasília, V. 2 N? 1 p. 14-22 - Jan.-Abr. 1986

tinha como missão salvar os seus familiares. Por essa razão, deixou de comer e beber como purificação; todavia, em tal comportamento estava implícito que sua morte salvaria a família. Diante do grave quadro, o pai passou a abordar temas até então silenciados.

OS SEGREDOS E O MITO

Como observamos através do genograma, na geração I ocorre a morte do FAi em circunstâncias bem dramáticas. A família, de origem rural abastada, vivendo a crise econômica da época, perde pouco a pouco todos os bens, tendo por último que entregar a "Casa Grande" para seus credores. Um incêndio de elevadas proporções destrói a casa e com ela o primogênito FAi responsável pelos negócios da família desde a morte do pai.

Segundo a história trazida pelo pai do PI, naquela época, todos tinham a certeza de que se tratara de um suicídio, pelas circunstâncias de sua morte. Todavia, "por ser uma família católica" criou-se um segredo em torno da verdadeira causa da morte do FAi. Muitas perguntas a esse respeito foram surgindo, e, por terem que ser respondidas, uma nova versão foi engendrada passando a ser contada a respeito daquela morte. FAi teria morrido como consequência de sua tentativa de salvar a propriedade da família. Portanto, ele passou a ser visto como um herói.

A partir daí, surge o mito do herói - salvador da família - que vai passando através das gerações seguintes. O irmão caçula (tio-avô do PI) reforça o mito familiar, ao dar o mesmo nome do irmão morto ao seu filho primogênito FA2. Anos depois, este vem a morrer num acidente. Porém, uma vez mais, se reforça o mito familiar quando um dos irmãos de FA2 (o pai do PI da família em atendimento) resolve dar o mesmo nome ao seu filho primogênito, apesar dos protestos da esposa, que diz não querer este nome "por ser tão carregado de morte". FA3, ainda bem criança, também vem a morrer em consequência de um acidente.

O PI tinha nessa época em torno de 2 anos e meio. A morte do irmão fora todavia recalcada. Pouco a pouco, os pais deixaram de abordar o assunto que muito os incomodou. Outros filhos nasceram e a vida familiar com suas peculiaridades seguiu seu curso. A mãe, muito mais tarde, orientada pela escola, procurou ajuda psicológica para um dos filhos e meses depois cada membro da família passou a ter assistência psicológica, com exceção do pai.

DISCUSSÃO

A família, enquanto unidade sistêmica, se apresenta como sendo a base do processo de individuação de seus membros e, por sua vez, é também influenciada por eles.

A dimensão individual e supra-individual do grupo familiar se expressa, por exemplo, pelo sobrenome da família que pertence a todos através das gerações (no nosso contexto cultural geralmente o de linhas paterna e materna), mas preservando a individuação através dos nomes atribuídos a cada membro do grupo familiar¹. A repetição de nomes numa família muitas vezes se acompanha de missões delegadas para serem cumpridas.

1 - Convém observar que na língua portuguesa é o nome que identifica o sujeito, enquanto o sobrenome identifica a família a que pertence o sujeito.

No caso que apresentamos, podemos observar através do genograma, a repetição do nome em três gerações consecutivas (FA-1, FA2 e FA3).

Os simbolismos trazidos durante as sessões psicoterapêuticas pelos membros da família foi a forma metafórica pela qual o inconsciente familiar se manifestou. Esses temas foram: da pesquisa de livros antigos nos antiquários por um dos filhos que abandonou a escola; do desejo de ser hipnotizado (para ir à procura de si mesmo) e o interesse pelo ocultismo (PI); das idas e vindas ao aeroporto por todos os membros da família, assim como os ritos de purificação realizados; e das longas explicações do pai (que se dizia agnóstico) sobre o espiritismo e a transmigração das almas.

Tais temas, na sua articulação manifesta, podem ser considerados como a volta do segredo recalçado ou o resultado do que nos diz Ausloos (1980 a, p. 83). "les secrets sont faits pour être agis". Observa-se que só se tornou possível a decifração do sentido oculto de tais desejos e comportamentos na medida em que os segredos vieram à tona.

Considerando a família como unidade sistêmica supra-individual, analisaremos os segredos e mitos através do intercâmbio familiar dos membros em psicoterapia e sua vinculação com o aspecto intergeracional.

MITOS E SEGREDOS AGINDO NA DINÂMICA FAMILIAR

Na família nuclear, na qual o PI está inserido, ele se nos assemelha à figura um herói no sentido grego; está pronto a todo sacrifício para salvar o grupo familiar. Os membros da família, que por sua vez abandonaram as "práticas de purificação", se tranqüilizaram de certa forma, quando nosso herói assumiu para si essa função. Isso se passa a nível inconsciente.

A regra do mutismo para preservar os segredos se faz com muita intensidade, sobretudo através do discurso do pai com as explicações espiritualistas. Zuk (1967, p. 107), no seu trabalho sobre a vítima e seus silenciadores, nos diz que "se a vítima for bastante ousada para enfrentar seus silenciadores, eles o acusarão de desconfiança injustificada e má interpretação de suas intenções e motivos".

A culpa dos pais, assumida pelo PI através do seu desejo de sacrifício próprio, é o auge do processo patológico presente na psicodinâmica dos membros da família. Culpa esta, oriunda da morte do filho que "por descuido" (palavras dos pais) foi atropelado.

A representação gráfica da família, realizada pelo PI, nos indicou antecipadamente vários elementos na configuração da problemática familiar interiorizada por ele. Por exemplo, o PI se intitula PAX, se desenha desfigurado e com muitas manchas negras dizendo serem ferimentos e hematomas. Ele se apresenta bem estranho junto aos demais familiares e inclui um sexto personagem em perfil onde acrescenta o nome do irmão mais novo, incluindo a palavra novamente. Podemos afirmar que é o PI quem apresenta os elementos correspondentes ao segredo (PAX - identificando-se como o Salvador da Família).

Uma questão nos surge: Por que, a nível intra-pessoal, é o PI quem assume esse papel? Por ter sido o único filho vivo durante a morte do irmão? Morte essa silenciada, não chorada? Nas pesquisas desenvolvidas por Vogel e Bell (1960), sobre crianças perturbadas emocionalmente, suas conclusões podem responder parte de nossa indagação. Para eles, a criança é apropriada para assumir papel de bode expiatório da família, por encontrar-se numa posição de dependência dos

pais, não tendo portanto condições de contradizê-los no poder que eles exercem sobre ela. Como sua personalidade está em desenvolvimento, sendo, pois, muito flexível, ela pode ser moldada a adotar um papel particular que a família deseja que adote. Os pesquisadores acrescentam ainda que outro aspecto relevante, para que tal ocorra, é o fato de que a criança tem poucas tarefas para realizar na família, se compararmos com as dos pais. Sua perturbação não interfere com a realização bem sucedida das tarefas necessárias à família. Assim, concluem que, o "custo" da disfunção da criança é relativamente baixo em comparação com os "ganhos" funcionais para a família.

A internalização pelo PI da função a ele destinada se realiza, gradualmente, nesse contexto descrito por Vogel e Bell, no decorrer do processo de sua individuação. Isto porque são os pais que definem o que a criança pode ou não pode fazer, são eles quem a induzem consciente ou inconscientemente ao papel que desejam obter.

Essas observações dos pesquisadores se tornam mais complexas ainda, quando constatamos que o próprio desejo dos pais é muitas vezes contraditório, a partir da própria estrutura intrapsíquica de cada um; por essa razão, a sua relação com o filho é realizada num contexto onde a dupla vinculação, ou vinculação contraditória é, além de marcante, preponderante (Watzlawick, 1973).

Outro conceito relevante, para se compreender a psicodinâmica de internalização pelo PI de seu papel de bode expiatório na família, é o que Laing (1976) designou por mistificação. Trata-se de uma forma de atuação sobre o outro que serve para defesa e segurança de sua própria pessoa e tem como função primordial manter o status quo, ou seja, os papéis estereotipados, as delegações, as missões que devem ser cumpridas em detrimento de qualquer situação que possa levar a uma mudança do curso inexorável dos acontecimentos. Há, neste contexto, uma insensibilidade às necessidades emocionais da criança que porventura ameacem modificar as delegações que lhe sejam atribuídas. Assim, atuam mascarando as situações perturbadoras no contexto familiar, agindo como se elas não existissem.

No caso vertente, os pais têm a "posse" do segredo e vão procurar manter o mito (do herói - do salvador da família), mas para isso necessitam de um bode expiatório, pois o destinado a cumprir essa missão morreu, "por descuido". É, então, necessário forjar outro herói. Por sua vez, a imaturidade afetiva e a dependência da criança que participou do segredo vão torná-la o membro ideal da família para cumprir essa missão, preservando a unidade familiar.

Nesse contexto, Ausloos (1980b, p. 70) observa que o PI geralmente é o membro homeostático, o guardião da homeostase familiar... "aquele que encara com mais força o paradoxo do segredo que se esconde e do mito que se quer exibir. Para ele, mais do que para qualquer outro, é interdito de saber e interdito de esquecer". Em tal perspectiva de análise, podemos considerar que embora o PI nada se lembrasse da morte do irmão, o pai "esperava" que outro filho se oferecesse para a manutenção do segredo e do mito. Dessa forma, era esperado que cumprisse o papel de guardião da homeostase familiar, a ponto de ser esquecida sua identidade, auto-designando-se PAX.

Como afirma Ausloos (1980b, p. 66), "um segredo surge quando uma tal lei dita ou não dita, foi, é ou ameaça de ser transgredida" - lei esta, em geral, moral.

No caso relatado, a transgressão foi o suicídio do tio-avô, fato que além da dimensão de ordem religiosa, moral ("não podemos tirar a vida"), evidencia Psicol., Teori., Pesqui.. Brasília, V. 2 Nº 1 p. 14-22 - Jan.-Abr. 1986 19

também a ferida narcísica sofrida, bem como o sentimento de culpa ressentido pela família pois se, por um lado, existe o desejo da manutenção de uma auto-imagem boa, por outro existe o sentimento de responsabilidade, de certa forma, pela vida de seus membros. Sentimentos esses nem sempre conscientes.

A abordagem de tal assunto passa então a incomodar, e a causa da morte se torna um segredo. Todos sabem, pelo menos naquela geração, e no caso até na geração do pai do PI sobre a verdadeira causa da morte, mas ninguém pode dizer que sabe, e muito menos falar no tema, tornando-se um tabu conforme já havia observado Ferreira (1963) nos seus trabalhos sobre mito familiar.

A primeira regra familiar que se estabelece é a de que não se fala sobre tal "causa mortis", mas, tem que ser criada outra versão como explicação de morte, para que através dela seja refeita a imagem da família, servindo inclusive de exemplo para seus membros. É forjado, então, um herói que morre salvando a família. Dessa forma, fica criado o mito e uma nova regra familiar é então estabelecida: devemos cultuar nosso herói. E assim é feito nas duas gerações seguintes.

Este exemplo nos mostra, com muita propriedade, como se articulam o segredo, o mito e as regras familiares (estas, a serviço tanto do segredo quanto do mito).

O trabalho de luto nessas circunstâncias não é realizado, pois nega-se a causa da morte, mistificando-a (Freud, 1917). Os descendentes continuam vinculados àquela situação primeira, pois não houve a elaboração do luto. Neste sentido, Stierlin (1979) constata, nas famílias cujos membros estejam unidos por fortes vínculos afetivos e emocionais, a ocorrência da negação de perdas, ou o impedimento do luto.

Podemos observar alguns aspectos da relação entre a negação da morte e o mito. A negação da morte é percebida na crença da figura do herói, uma vez que ele não morre nunca, pois seu ato de heroísmo é lembrado e o mantém vivo. Pela morte negada, a família evita o penoso trabalho de luto que só se realiza num contexto onde a verdade é privilegiada. Como ela não "pode" ser revelada, por mobilizar angústia e culpa ao contrariar as crenças e os valores interiorizados pela família, ela é cercada de segredo, abrindo espaço à criação do mito.

Segredo e mito se vinculam com toda a sua força na primeira geração e procuram se manter nas seguintes, numa luta ferrenha pela manutenção da estrutura e da organização familiar em sua dimensão intergeracional. É através da impossibilidade do trabalho de luto que o mito se cria. Abolindo o tempo, o mito é perpetuado através de três gerações sucessivas, a despeito da temporalidade concreta na qual o viver real dos personagens é marcado.

Podemos observar que o pai de FA1 delegou ao filho primogênito o seu papel de provedor da família, missão essa que não foi possível cumprir, conforme nos demonstrou a história familiar (suicídio). Assim sendo, nas gerações posteriores, o mito do herói salvador é revivido. O fracasso da família na preservação do culto do herói (morte prematura de FA3) força a família a forjar um novo herói, aquele que se auto-designou "PAX" para salvar a família. Em cada geração, foi delegada a um membro a manutenção do mito.

No transcurso da psicoterapia, foi possível aos membros da família viverem suas perdas e chorá-las, elaborando o luto bloqueado e foi reconhecido também como o PI foi explorado como delegado, a fim de poder ser preservada a imagem de um homem (FA1), bom e idealizado. Nesse caso, os sentimentos de culpa quanto ao

20 Psicol., Teori., Pesqui., Brasília, V. 2 N° 1 p. 14-22 - Jan.-Abr. 1986

"descuido" dos familiares, tanto na geração anterior quanto na geração atual, relativo ao membro que se suicidou e àqueles que sofreram acidentes, foram trabalhados no decorrer da psicoterapia.

Após a elaboração da perda, foi possível à família, perceber o PI como alguém com uma identidade própria. Por sua vez, o PI, vendo-se aceito como alguém com direitos e interesses próprios, pôde também se sentir liberado, da missão que lhe fora atribuída, distendendo por consequência a relação familiar.

Como afirma Stierlin (1979), foram, dessa forma, saldadas as contas de mérito e desmérito assentadas e deslocadas durante gerações, através do que Bozormenyi-Nagy e Spark (1965) chamou de "lealdades invisíveis."

CONCLUSÃO

O caso relatado é um exemplo de dinâmica intergeracional dos segredos e dos mitos, agindo na interação familiar. A dinâmica da família nuclear se apresenta com uma rigidez na manutenção do segredo através do culto mítico do herói percorrendo três gerações.

Analisamos como a origem do segredo está ligada à transgressão de uma lei e a culpa da transgressão por um dos seus membros. Poderíamos dizer que para todas as formas de transgressão se aplicaria o mesmo princípio. Ou seja, as mazelas familiares têm que ser escondidas e os mitos surgem como comportamentos substitutos, como o reverso ideal do ocorrido, como a inversão do fato. Dessa forma, na reelaboração da história familiar, pode ser transformada a figura de um covarde num herói, de um fraco num forte, de um desregrado num santo, e assim por diante. O segredo fica bem guardado e um compromisso é assumido pelos heróis que se repetirão através das gerações.

No caso relatado, mais de um membro familiar foi necessário como guardião do segredo. Gerações sucessivas tentaram preservar o segredo através da renovação dos mitos, da rigidificação das regras familiares e com o sacrifício do herói. Vimos nele a figura do bode expiatório, depositário dos segredos e mitos agindo no intercâmbio familiar, não só a nível da estrutura nuclear mas transgeracional.

Deixamos para outra ocasião a abordagem dos aspectos intra-pessoais no processo de introjeção dos segredos e dos mitos, pela figura do bode expiatório.

A loucura familiar, nesse caso, tornando-se circunscrita a um de seus membros: o herói, pronto a tudo, para salvar a família de seus conflitos e tensões emocionais. Aqui, cabem, oiro e fio, as palavras do protagonista do conto "A Terceira Margem do Rio" de Guimarães Rosa (1985, p. 36)... "Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou então, todos".

REFERÊNCIAS

AUSLOOS, G. (1980). Secrets de famille. Annales de Psychothérapie - Changements systemiques en therapie familiale. Paris: Les Editions ESF, 62-80 (a).

AUSLOOS, G. (1980). Oedipe et sa famille ou les secrets sont faits Dialogue - Recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille 70, 83-91 (b).

- BOZORMENYI-NAGY, I., & SPARK, G. M. (1965). Invisible loyalties. Nova Iorque: Harper & Row.
- BOWEN, M. (1978). Family therapy in clinicaipractice. Nova Iorque: Jason Aronson.
- FERREIRA, A. (1963). Family myths and homeostasis. Archives oi General Psychiatry, 9, 457-463.
- FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. Vol. XIV- Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- LAING, R. (1976). Mistificación, confusión y conflicto. Em J. L. BOZORMENYI-NAGY (Ed.), Terapia familiar intensiva. Aspectos teóricos y práticos. México: Editorial Trillas.
- ROSA. J. G. (1985). Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- STIERLIN, H. (1977). Le premier entretien familial. Paris: Delarge Editions.
- STIERLIN (1979). Psicoanálisis y terapia de família. Barcelona: Icaria Editorial SA.
- VOGEL, E. F., & BELL, N. W. (1960). The emotionally disturbed child as a family scapegoat. Psychoanalytical Review, 47, 21-42
- WATZLAWICK, P. (1973). Pragmática da comunicação humana. São Paulo: Cultrix.
- ZUK, G. (1967). The victim and his silenciers: Some pathogenic strategies against being silenced. Em G. ZUK & I. BOZORMENYI-NAGY(Eds.), Family therapy and disturbed families. Califórnia: Science and Behaviour Books Incorp.